

1 NÍVEL DE ATIVIDADE

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

A redução da produção industrial no terceiro trimestre contrasta marcadamente com o vigoroso crescimento do início do ano verificado em praticamente todos os setores. Enquanto no primeiro semestre a indústria registrou 5,1% de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior, no terceiro trimestre verificou-se uma queda de 0,3%.

Apesar da queda aparentemente modesta no total da indústria, os desempenhos setoriais foram díspares. A indústria de bens de consumo duráveis (principalmente automóveis e eletrodomésticos) sofreu os efeitos negativos da queda de demanda provocada pelo aumento dos juros e pelo impacto negativo que o racionamento de energia elétrica provocou sobre a demanda; graças a esses fatores, esse setor amargou uma queda de 10,8% na produção no terceiro trimestre. Por outro lado, a indústria de bens de capital continuou crescendo a níveis de 15% a.a. entre julho e agosto. Há duas explicações para esse crescimento enquanto os demais setores apresentavam retração: a) aumento da demanda por equipamentos para geração de energia elétrica, segmento que cresceu 59,1% no terceiro trimestre; e b) produção para atender a encomendas já contratadas para investimentos em andamento. Nesse caso, a suspensão dos novos investimentos deverá se refletir em quedas futuras na produção de bens de capital. De fato, em setembro a expansão desse setor foi de apenas 3,5%. Com desempenhos menos discrepantes, os setores de bens intermediários e de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis, com redução de 1,9% e crescimento de 2,3%, respectivamente, no terceiro trimestre. No caso dos não-duráveis, o desempenho positivo se deve aos produtos alimentícios, como açúcar, aves e carnes, produtos que estão sendo direcionados para exportação.

Em termos de classes de indústrias, a extrativa continuou seu padrão de crescimento, embora num ritmo menos acentuado: 3,7% no terceiro trimestre graças ao aumento da produção de petróleo. A indústria de transformação teve queda de 0,8% devido à redução na produção em quase todos os setores; as únicas exceções são a indústria mecânica (graças à produção de bens de capital), a de produtos alimentares e a de material elétrico e de comunicação.

Desde o anúncio do racionamento de energia elétrica, o IBGE tem medido o desempenho das indústrias segundo a intensidade do gasto com energia elétrica. O pior resultado é o das indústrias de alta intensidade, que reduziram a produção em 4,7% no terceiro trimestre; a de baixa intensidade cresceu apenas 0,3%, enquanto a de média cresceu 3,4%. Infelizmente, é difícil se tirar conclusões sobre os efeitos do racionamento enquanto limitante da oferta a partir desses números, pois em muitos casos a produção foi reduzida não

TABELA 1.1
Produção Industrial | 2001
taxa de variação acumulada no ano [%]

Classes e Categorias	Efetivo			Previsto
	Março	Junho	Setembro	Dezembro
Indústria Geral	7,3	5,1	3,2	1,8
Extrativa Mineral	10,4	8,1	6,5	3,5
Transformação	7,0	4,8	2,8	1,6
Categorias de Uso				
Bens de Capital	19,1	17,5	15,2	12,6
Bens Intermediários	4,8	4,0	2,3	1,9
Bens de Consumo	4,8	4,0	2,3	1,3
Duráveis	15,6	11,3	3,4	-1,8
Semiduráveis e Não-Duráveis	1,9	1,9	2,1	2,2

Fonte: IBGE/PIM-PF. Previsão: IPEA/DIMAC.

pela falta de energia elétrica propriamente dita, mas pela queda da demanda provocada pelo racionamento. É o caso da produção de automóveis e de eletrodomésticos, que têm baixa intensidade de utilização de energia, mas que experimentaram quedas acentuadas de produção.

Em termos de desempenhos regionais, vale a pena destacar que a região Sul, que está fora do racionamento de energia elétrica, continuou crescendo a uma taxa semelhante à dos períodos anteriores: 2,2% no terceiro trimestre contra 2,6% no primeiro e 1,9% no segundo. Na região Sudeste, o único estado que apresentou resultado positivo, embora modesto, no terceiro trimestre, foi São Paulo, que cresceu 0,5%; em especial, as indústrias de material elétrico e de comunicação e de produtos alimentares, que cresceram 11,5% e 9,5% no período, respectivamente. Na região Nordeste, a indústria no terceiro trimestre apresentou queda de 2,9%. Dos três estados pesquisados na região, dois tiveram aumentos de produção, Bahia e Pernambuco, mas foram insuficientes para compensar a queda de 9,7% no Ceará.

O Gráfico 1.1 reflete como vão as expectativas das firmas para a produção no quarto trimestre de acordo com o levantamento da Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A pesquisa de julho mostrou que uma piora nas expectativas dos empresários, em virtude tanto do racionamento de energia elétrica quanto da deterioração da situação macroeconômica que se refletia no aumento das taxas de juros e de câmbio. Portanto, em julho houve um acentuado crescimento na proporção das firmas que esperavam diminuição da produção e uma redução das que esperavam aumento da produção. Embora em outubro os resultados tenham apresentado melhora, a proporção das que esperam diminuição ainda está aproximadamente 10 pontos percentuais acima da verificada durante os anos de 1999 e 2000.

GRÁFICO 1.1
Expectativas das Firms sobre a Produção*

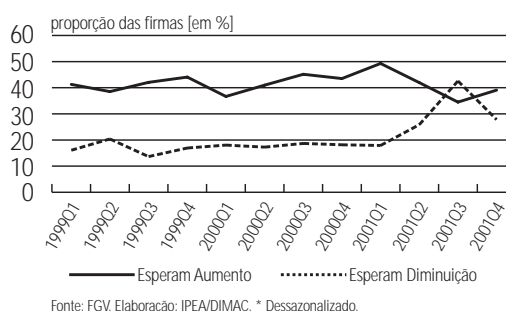
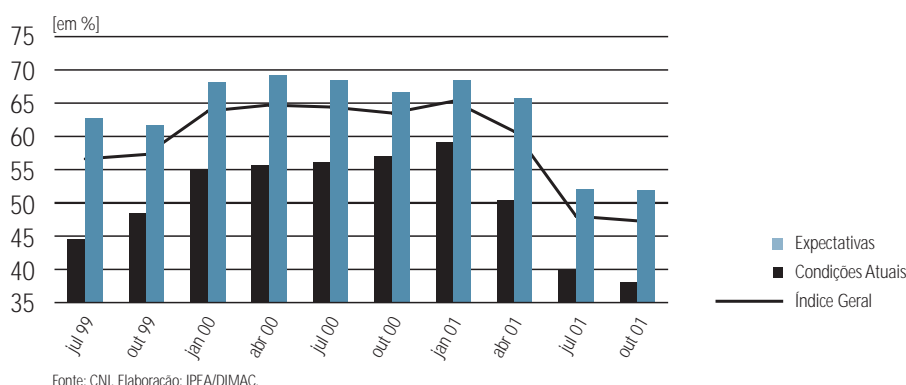


GRÁFICO 1.2
Índice de Confiança do Empresário Industrial



Resultado semelhante se observa no Índice de Confiança do Empresário Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Esse índice varia de 0 a 100 e valores abaixo de 50 indicam pessimismo. Observa-se que a confiança dos empresários em outubro se encontra em níveis semelhantes aos de julho.

Consistente com os dados acima, o nível de utilização da capacidade das indústrias apresentou a segunda queda seguida em outubro e atingiu 79,2% (dessazonalizado), o valor mais baixo desde o segundo trimestre de 1994. Em grande parte, esse resultado se deve à indústria de bens de consumo, cujo nível de utilização de 73,2% é o menor desde 1992. A única exceção foi a indústria de bens de capital que experimentou um pequeno aumento em outubro. Pelos dados da CNI, a utilização da capacidade, em termos dessazonalizados, esteve em 79,5% no terceiro trimestre, o valor trimestral mais baixo desde o final de 1999.

Apesar de os dados relativos à produção e à utilização da capacidade indicarem retração, o valor das vendas reais da indústria descolou do desempenho da indústria e foi 12,6% maior que no mesmo trimestre de 2000; esse número é inferior aos 17% do segundo trimestre, mas, ainda assim, próximo dos 13,9% do primeiro. Desacumulação de estoques pode ser uma possível explicação para o descolamento entre faturamento e produção no período.

GRÁFICO 1.3

Utilização da Capacidade Dessazonalizada

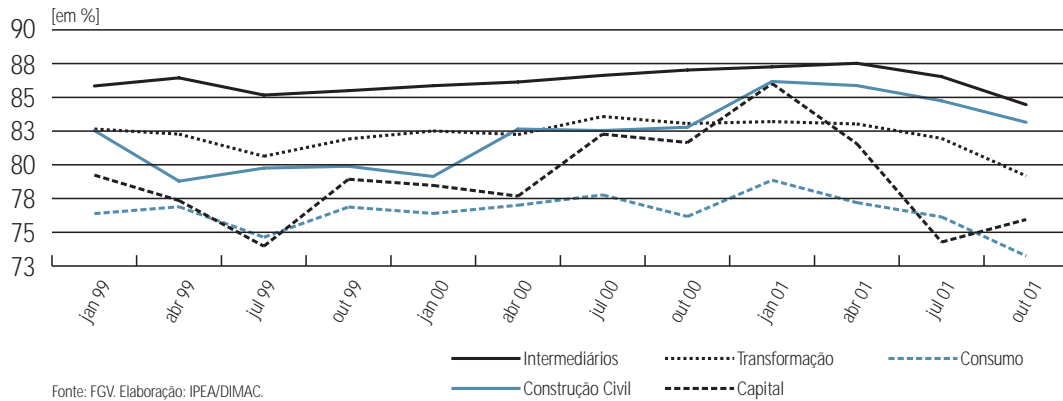


GRÁFICO 1.4

Indicadores da Produção Industrial

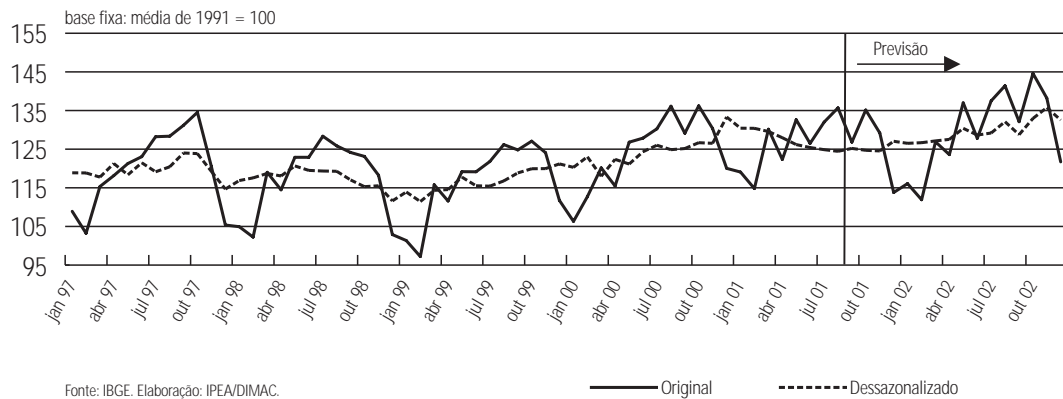
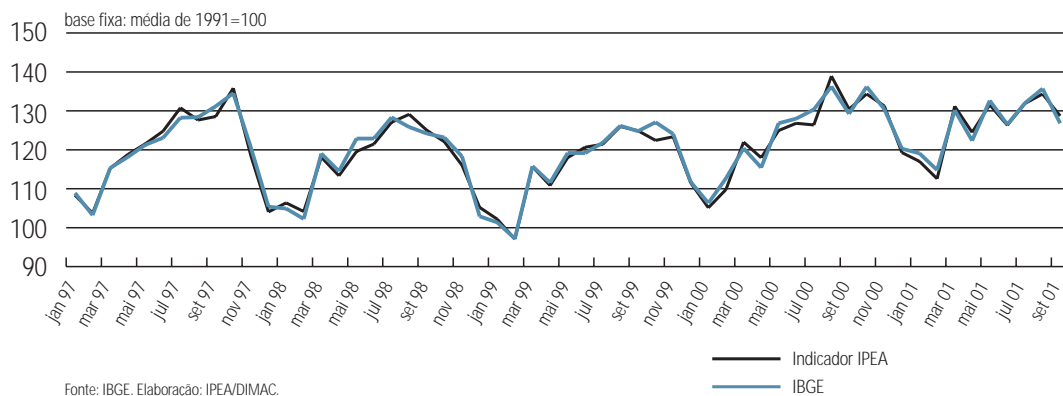


GRÁFICO 1.5

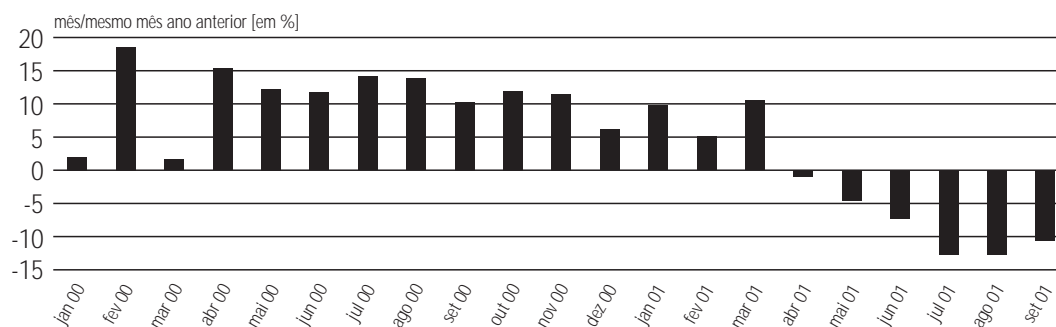
Indicadores da Produção Industrial



COMÉRCIO

Os efeitos da retração aparentemente afetaram de forma mais profunda o comércio varejista do que a indústria. Como se observa no Gráfico 1.6, a retração no faturamento real do comércio em São Paulo iniciou-se em abril, mas continuou numa trajetória de queda ainda mais acentuada que se estende até setembro, último dado divulgado. No terceiro trimestre, a queda foi de 12% comparado com o mesmo período de 2000. A maior queda se verificou no faturamento de veículos, 31,2%, mas também ocorreu nos setores de bens de consumo semiduráveis e bens não-duráveis, com retrações de 10% e 4,7%, respectivamente.

GRÁFICO 1.6

Comércio Varejista em São Paulo

Fonte: Fcesp. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Os dados do IBGE da Pesquisa Mensal do Comércio mostram um quadro menos agudo. Em agosto, o Índice do Comércio Varejista apresenta queda em relação ao mesmo mês do ano anterior de apenas 0,28%. Liderando a queda, as vendas de móveis e eletrodomésticos, com redução de 6,8%, seguido de demais artigos de uso pessoal e doméstico, com queda de 5,7%. Embora não faça parte do índice, a pesquisa também avalia as vendas de autoveículos, motos e partes; esse setor apresentou retração de 13,9% em agosto.

A queda nas consultas ao SCPC da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) no terceiro trimestre (sobre mesmo período do ano anterior) foi relativamente modesta, apenas 1,2%, enquanto as consultas ao Telecheque cresceram 1,4%. Embora esses dados não indiquem uma situação tão dramática quanto os dados

TABELA 1.2

Indicadores da Produção Industrial

[variação percentual]

Período	Indústria Geral		Indústria de Transformação		Vendas Reais (CNI)	
	Base Fixa Original Mês/ Mês Ano Ant.	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Original Mês/ Mês Ano Ant.	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Original Mês/ Mês Ano Ant.	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior
2000						
Janeiro	4,90	-0,80	5,20	0,06	6,06	-0,99
Fevereiro	15,94	2,49	16,83	3,45	18,44	3,29
Março	3,80	-4,07	3,20	-5,57	4,77	-7,85
Abril	3,47	3,14	2,98	3,53	8,35	8,53
Mai	6,41	-1,17	6,14	-1,25	17,36	-0,64
Junho	7,30	2,33	6,67	2,49	9,53	-0,14
Julho	6,93	1,03	6,61	0,99	11,84	4,96
Agosto	7,88	-0,67	7,62	-0,74	10,69	-2,62
Setembro	3,47	-0,05	2,14	-0,66	8,16	1,08
Outubro	7,21	1,66	6,10	1,81	12,18	1,42
Novembro	5,07	-0,07	3,71	-0,34	11,06	2,58
Dezembro	7,42	6,71	6,03	5,48	11,60	7,04
2001						
Janeiro	11,99	-2,86	11,87	-0,99	17,40	-5,50
Fevereiro	1,87	0,42	0,67	0,56	6,32	1,71
Março	8,30	-0,87	8,59	-0,98	17,96	4,17
Abril	5,98	-1,80	5,78	-2,05	17,62	-0,04
Mai	4,57	-1,41	4,61	-1,20	18,01	3,96
Junho	-1,07	-0,96	-1,79	-1,58	15,38	-0,91
Julho	1,34	-0,57	0,68	-0,65	17,23	-0,33
Agosto	-0,30	-0,02	-0,83	0,15	10,94	-4,07
Setembro	-1,79	-0,31	-1,90	-0,48	9,93	2,14

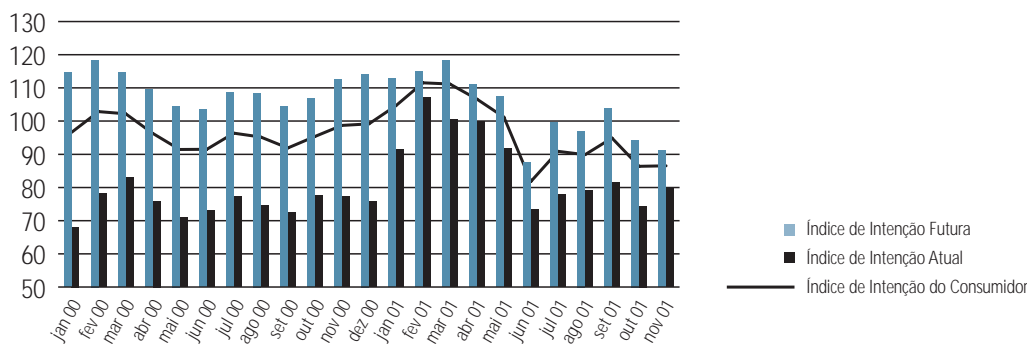
Fontes: IBGE e CNI. Elaboração: IPEA/DIMAC.

da Fcesp, são valores muito mais baixos do que os verificados no início do ano. No primeiro trimestre, as consultas ao SCPC cresceram 14,8% e, no segundo, 5,1%; em relação ao Telecheque, os números foram 6,4% e 3,5%. Em termos de inadimplência, a taxa do terceiro trimestre deste ano foi de 6,4%, 2,3 pontos percentuais acima do mesmo período do ano passado.

Os indicadores de confiança dos consumidores apresentam semelhanças aos dos empresários, ou seja, encontram-se estabilizados desde o início do segundo semestre, porém em patamares inferiores aos verificados ao longo do ano passado e do primeiro semestre deste ano.

GRÁFICO 1.7

Confiança do Consumidor*



Fonte: Fcesp. Elaboração: IPEA/DIMAC.
* 0 indica pessimismo máximo e 200 otimismo máximo.

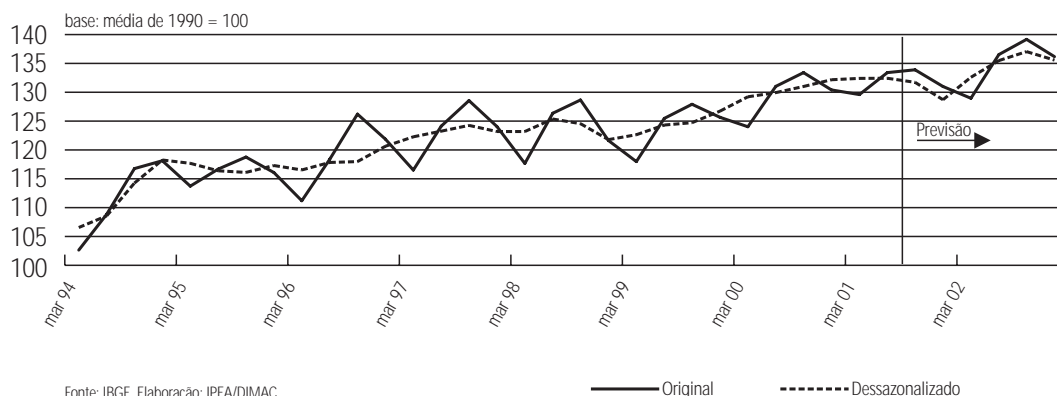
PIB

Segundo o IBGE, o PIB cresceu 1,8% no segundo trimestre contra uma expansão de 4,5% no primeiro trimestre, quando comparado com igual período do ano anterior. Essa desaceleração seria explicada pela perda do fôlego do total da indústria (exceto extrativa mineral) junto ao comércio. Pela ótica da despesa, chama a atenção a forte retração do investimento no segundo trimestre (-11,6%) depois de ter registrado uma expansão de 20,3%, no primeiro. Segundo nossas estimativas, o PIB deve crescer apenas 0,5% no segundo semestre, quando comparado ao mesmo período do ano anterior. A retração continuaria sendo concentrada no setor industrial, afetado principalmente pelo plano de racionamento de energia elétrica e pela manutenção de altas taxas de juros.

Com esses resultados, o PIB deverá crescer 1,7% este ano. A expansão de 5,5% da agropecuária seria sustentada por um aumento de 18,2% da safra de grãos. Os maiores aumentos de produção são das culturas de trigo (101%); milho, 2a safra (63%); algodão (33%) e soja (14%). Os serviços aumentariam 2,8% enquanto a indústria cairia 0,1%, principalmente devido à retração do consumo de energia elétrica (-7,7%) e da construção civil (-1%).

GRÁFICO 1.8

Produto Interno Bruto



Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Em 2002, o PIB cresceria 2,4%, sustentado pelos setores serviços (3,4%) e agropecuário (1,7%), uma vez que a indústria apenas se expandiria 0,8%. Vale observar que no primeiro trimestre a indústria cresceria 6,2% em termos dessazonalizados levando a um crescimento do PIB de 3%. Ao longo do ano a recuperação do PIB é gradual e concentrada nos serviços. A relevância do setor serviços na expansão do PIB parte do próprio tratamento metodológico da série trimestral, onde os alugueis e a administração pública, que respondem por 30% do PIB, têm um crescimento predeterminado (e sempre positivo).

TABELA 1.3
Comércio Varejista em São Paulo: Índice de Vendas Físicas
 [variação percentual]

Período	Total	Exclui Veículos	Bens Duráveis		Bens Semi-duráveis	Bens Não-Duráveis	Materiais de Construção	
			Veículos	Outros				
Variação Série Dessazonalizada ^a								
2000	Janeiro	-5,4	-2,9	-2,7	-5,8	-5,3	1,2	-2,4
	Fevereiro	6,9	1,7	21,6	-2,7	1,1	3,1	8,4
	Março	-8,4	-4,0	-26,2	-0,4	-13,3	-5,6	-13,9
	Abril	12,2	13,8	13,2	5,5	-24,9	23,2	3,2
	Maio	-2,7	-6,8	8,7	-1,0	6,0	-7,8	-3,7
	Junho	0,6	2,4	-0,1	-0,9	-4,3	3,9	7,0
	Julho	0,5	0,9	1,4	4,0	6,0	-0,8	-5,1
	Agosto	-0,6	-2,3	-1,9	-3,2	-10,0	-3,1	-0,6
	Setembro	-1,6	0,3	-3,6	1,5	-3,3	0,6	2,3
	Outubro	-0,4	-2,3	21,2	-0,7	-3,7	-4,6	-1,4
	Novembro	2,6	3,1	-12,8	4,1	-2,3	3,7	3,7
	Dezembro	0,1	-1,6	13,3	2,4	5,0	-0,4	16,0
2001	Janeiro	-2,3	0,4	-1,0	-4,4	-2,7	1,1	-0,1
	Fevereiro	4,4	0,7	6,3	-1,3	4,2	1,8	2,2
	Março	-4,5	-2,0	-3,6	-0,2	-5,5	-3,5	-6,6
	Abril	-1,9	0,3	-7,9	-3,6	-11,1	2,1	-3,6
	Maio	-5,0	-9,1	5,0	-3,1	23,3	-11,7	-10,5
	Junho	-2,3	-0,4	-5,2	-4,9	-12,9	4,0	3,0
	Julho	-4,0	-2,9	-10,2	-0,7	-2,1	-4,1	-10,2
	Agosto	1,3	0,7	-13,4	-0,7	-12,0	1,1	0,1
	Setembro	0,9	2,0	6,2	3,3	-9,6	5,5	-10,6

Fonte: Fcesp. ^a Segundo método X-11.

INVESTIMENTO

Segundo nossas estimativas, no terceiro trimestre, a formação bruta de capital fixo (FBCF) teve uma pequena queda (-0,4%) em relação a igual trimestre do ano anterior, explicada por uma forte retração da construção civil (-5,4%), pois o consumo aparente de bens de capital aumentou (14,2%).

De acordo com o IBGE, a produção de insumos da construção civil em setembro caiu 6,5% em relação a setembro de 2000. Em termos dessazonalizados, nos últimos dois trimestres a construção acumula uma perda de 9%. Com essa trajetória, nossa projeção da construção civil foi revista de +1,6% para uma queda de 1% este ano. A construção vem dando sinais de desaceleração desde maio, quando houve uma forte reversão das expectativas no setor diante do desempenho inferior ao esperado como foi constatado pelo Sinduscon.

Por outro lado, a produção de bens de capital vem diminuindo seu ritmo de crescimento mas continua sendo o setor mais dinâmico da indústria. Até abril, na taxa acumulada em 12 meses, a produção de bens de capital aumentou 17,4%, diminuindo para um crescimento de 14,9% até setembro, valores muito acima da média da indústria geral. A produção de equipamentos destinados aos setores energético e agrícola continua sendo os segmentos mais dinâmicos.

Com estes resultados, a FBCF interrompeu a trajetória de crescimento iniciada em setembro de 1999. Essa fase de expansão foi impulsionada por um forte incremento do consumo aparente de bens de capital e um modesto crescimento da construção civil.

O Gráfico 1.9 mostra os dados de investimento, divulgados recentemente pelo IBGE, e nossas estimativas de FBCF e variação de estoque. A FBCF apresenta uma trajetória similar ao do investimento, exceto para o período outubro de 1993 a outubro de 1995. As divergências observadas entre as séries de FBCF e investimento seriam explicadas pela variação de estoque.¹

1 A partir dos dados de investimento (IBGE) e FBCF (IPEA) foram obtidas estimativas da variação de estoque. Trabalhamos com índices de base móvel, o que garante que a soma das partes seja igual ao total. Os índices foram ponderados pelos pesos no ano anterior dos componentes, como constam no Sistema de Contas Nacionais.

Conforme nossas estimativas, no segundo trimestre a FBCF cresceu 5,7% na comparação com igual período em 2000, enquanto o IBGE apontou para uma forte queda de 11,6%. A diferença seria explicada por uma retração da variação de estoques, de cerca de 60%.

TABELA 1.4
PIB e Taxa de Investimento
taxa acumulada no ano [%]

	Observado		Estimado	Previsto				
	2001.I	2001.II	2001.III	2001.IV	2002.I	2002.II	2002.III	2002.IV
Agropecuária	4,6	3,1	3,5	5,5	3,4	3,3	2,3	1,7
Indústria	5,8	3,1	1,1	-0,1	-3,8	-2,1	-0,2	0,8
Serviços	3,2	2,9	2,8	2,8	1,4	2,4	3,1	3,3
PIB								
VA a Preços Básicos	4,1	2,9	2,2	2,0	-0,3	1,0	1,9	2,3
Preços de Mercado	4,5	3,1	2,2	1,7	-0,5	0,9	1,9	2,4
Taxa de Investimento (% do PIB) ^a	19,9	19,6	19,8					

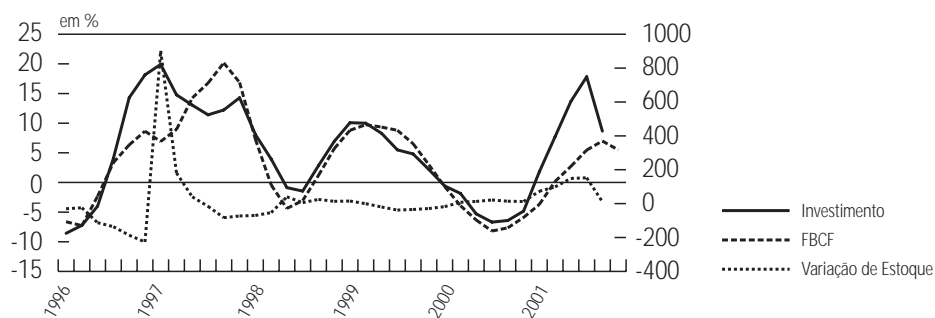
Fonte: IBGE. Previsões: IPEA/DIMAC/GAC.

^a Média dos últimos quatro trimestres, série base móvel encadeada (1990=100).

GRÁFICO 1.9

Investimento e Componentes

Crescimento Acumulado nos Últimos 4 Trimestres



Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Tabela 1.5

Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e Taxa de Investimento (FBCF/PIB)

		Índice Base Móvel	Variação em Quatro Trimestres				
			FBCF/PIB ^a	FBCF	Construção Civil	Bens de Capital	
					Produção	Exportações	Importações
1999	Março	18,2	-3,9	-0,6	-5,6	0,7	-11,5
	Junho	17,9	-6,3	-3,0	-11,1	-4,3	-10,7
	Setembro	18,1	-8,2	-4,1	-13,5	0,8	-15,2
	Dezembro	18,0	-7,7	-3,6	-9,0	6,2	-20,6
2000	Março	18,1	-5,9	-2,0	-4,9	19,5	-19,2
	Junho	18,1	-3,7	-0,3	2,0	28,2	-20,5
	Setembro	19,1	0,2	1,3	11,0	35,5	-9,9
	Dezembro	19,2	2,7	2,1	12,9	36,8	3,1
2001	Março	19,5	5,5	2,6	15,9	22,3	14,6
	Junho	19,3	7,0	2,2	17,1	9,8	23,8
	Setembro	19,5	5,5	0,2	14,7	-5,1	18,6

Fontes: IBGE e Funcex. Elaboração: IPEA/DIMAC.

^a Com base em índices de base móvel (média ano anterior =100).